

16/02/2016 às 05h00

É hora de um imposto sobre o carbono

Por Kemal Dervis and Karim Foda

Nas últimas décadas, os preços do petróleo mostraram grandes variações, entre US\$ 10 e US\$ 140 por barril, o que representa um problema tanto para produtores quanto para consumidores. Para os responsáveis por políticas econômicas, no entanto, essas flutuações representam uma oportunidade para avançar em vários objetivos mundiais - refletidos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável adotados em setembro e no acordo sobre clima alcançado em Paris em dezembro - para mitigar as mudanças climáticas e construir uma economia mais sustentável.

As recentes variações no preço do petróleo lembram o modelo clássico de teia de aranha da teoria microeconômica. Altos preços incentivam o aumento nos investimentos em petróleo. Como há grande defasagem de tempo entre a exploração e o aproveitamento, quando a nova capacidade produtiva de fato começa a operar, já há substitutos em vigor e, além disso, a demanda frequentemente não justifica mais a oferta disponível. Nesse momento, os preços caem, assim como também diminuem a exploração e o investimento, inclusive para os substitutos de petróleo. Quando novamente começa a haver escassez, os preços voltam a subir e o ciclo se repete.

O ciclo vai continuar, embora outros fatores - como a queda constante nos custos das fontes de energia renováveis e a passagem para processos de produção que usam menos energia - indiquem que provavelmente vai rodar em uma faixa mais curta. De qualquer forma, um aumento nos preços é inevitável.

A chave para a viabilidade política da estratégia é lançá-la enquanto os preços estão bem baixos. Uma vez que o imposto entre em vigor, vai tornar-se uma parte do preço da gasolina pouco notada e sem controvérsia, mas que produz benefícios de grande alcance

Se os ajustes fossem assimétricos - o aumento do imposto quando os preços caíssem seria maior do que a diminuição quando os preços subissem -, o sistema elevaria gradualmente o imposto total sobre o carbono, mesmo seguindo um padrão anticíclico. Esse aumento gradual é o que a maioria dos modelos para controlar as mudanças climáticas defende.

Imagine este cenário. Pense que em dezembro de 2014, as autoridades econômicas introduziram um imposto de US\$ 100 por tonelada de carbono (equivalente a um imposto de US\$ 27 sobre o gás carbônico). Para os consumidores americanos, o impacto imediato do novo imposto - presumindo que seus custos fossem repassados integralmente aos consumidores - seria de um aumento de US\$ 0,24 no preço médio nacional do galão (3,785 litros) de gasolina, de US\$ 2,23 para US\$ 2,47, ainda bem abaixo das máximas atingidas em 2007 e 2008.

Se, desde então, cada aumento de US\$ 5 no preço do petróleo tivesse sido acompanhado por uma queda de US\$ 30 por tonelada no imposto do carbono e cada declínio de US\$ 5, por um aumento de US\$ 45 por tonelada, o resultado em janeiro teria sido uma diferença de US\$ 0,91 entre o preço

Nesse cenário, os baixíssimos preços atuais - que chegaram a ficar abaixo de US\$ 35 por barril em alguns momentos desde o início do ano - criam uma oportunidade de ouro (algo que um dos autores* deste artigo vem recomendando há mais de um ano) para a adoção de um imposto variável sobre o carbono. A ideia é simples: o imposto diminuiria gradualmente quando o preço do petróleo subisse e voltaria a subir quando o preço caísse novamente.

Voo para Paris

Passagens aéreas em 4X sem juros para Paris. Reserve já!



Mensagens dos leitores

Confiança

O Brasil está imerso em graves crises. As mais constrangedoras são a de natureza política, a da economia, a moral, a administrativa, a institucional, esta recorrentemente negada, embora estalando aqui e ali. Mais uma vez, porém, a mãe de todas elas é a de confiança. Assim, as casas parlamentares, desacreditadas, com seus presidentes processados; o...

16/02/2016 às 05h00 - Paulo Roberto Gotaç -

Corrupção

A percepção geral entre nós, de que a corrupção domina amplos setores das atividades públicas mancomunados com iguais partes da iniciativa privada, desafortunadamente tem razão de ser. Felizmente porém, a liberdade de imprensa que vivenciamos agora permite que se potencializem as ações saneadoras da Justiça no combate a essas patologias sociais. Isso nos...

16/02/2016 às 05h00 - José Nobre de Almeida -

Metas fiscais

Oportuno o editorial de ontem do **Valor**, que reafirma que "a melhor estratégia fiscal é cumprir as metas ano a ano". Este projeto de bandas para formação do superávit primário que o ministro Nelson Barbosa pretende aprovar no Congresso é um retrocesso. E é mais uma demonstração deste governo de cada vez mais querer fugir de sua...

16/02/2016 às 05h00 - Paulo Panossian -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Esse aumento teria elevado o preço do carbono substancialmente, proporcionando receita ao governo - chegando a US\$ 375 por tonelada de carbono hoje -, o que poderia ser aplicado em prioridades fiscais, além de amortecer a queda no preço da gasolina provocada pelo forte declínio no do petróleo. Embora US\$ 375 por tonelada seja um valor muito alto, refletindo o preço particularmente baixo de hoje, mesmo um baixo preço do carbono - na faixa de US\$ 150 a US\$ 250 por tonelada - seria suficiente para atender as metas climáticas internacionais ao longo dos próximos dez anos.



Por meio dessa abordagem, as autoridades poderiam usar o mercado para ajudar a afastar suas economias da dependência em relação aos combustíveis fósseis, por meio da redistribuição do superávit do produtor (lucros), passando-o dos produtores de petróleo para o Tesouro dos países importadores, sem representar um peso muito grande

ou repentino para os consumidores. De fato, também traria ganhos significativos por estabilizar os custos do usuário.

A chave para a viabilidade política dessa estratégia é lançá-la enquanto os preços estão bem baixos. Uma vez em vigor, vai tornar-se uma parte do preço da gasolina pouco notada e sem controvérsia política - já que produz benefícios de grande alcance. Parte da receita poderia ser devolvida ao público na forma de corte de impostos ou de apoio à pesquisa.

Apesar dos óbvios benefícios de um imposto variável sobre o carbono, nenhum país aproveitou os atuais baixos preços do petróleo para elevar os preços do carbono assim ou de alguma maneira similar, embora a defesa pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, de um imposto sobre o petróleo indique que ele reconhece a abertura que os baixos preços representam. Isso deveria mudar. Não surgem a toda hora oportunidades para adotar políticas que sejam ao mesmo tempo sensatas, flexíveis, suaves e eficazes em promover os objetivos nacionais e mundiais. As autoridades precisam aproveitá-las quando surgem. A hora para um imposto, variável e estabilizador, sobre o carbono é agora. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

* <http://www.project-syndicate.org/commentary/low-oil-prices-carbon-tax-by-kemal-dervi--2014-12?barrier=true>

Kemal Dervis foi ministro da Economia da Turquia e administrador do Programa de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (UNDP, na sigla em inglês). Atualmente, é vice-presidente e diretor da Brookings Institution.

Karim Foda é analista de pesquisa da Brookings Institution. Copyright: Project Syndicate, 2016.

www.project-syndicate.org

Desigualdade social freia os avanços na educação

05h00

Luz no fim do túnel?

05h00

O setor elétrico brasileiro e a falta de planejamento

05h00

É hora de um imposto sobre o carbono

05h00

Ver todas as notícias

Vídeos



PIB do 1º trimestre indica que recessão mal começou
08/06/2015



Recomendar 41

Tweet

Share

9

G+1

0

0